



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES – OSMAR DE AQUINO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**GERCIANE PEREIRA SALES**

**A RELAÇÃO FAMILIAR TRANSCULTURAL EM TERRA DESCANSADA, DE  
JHUMPA LAHIRI**

**GUARABIRA  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S163r Sales, Gerciane Pereira.  
A relação familiar transcultural em terra descansada, de Jhumpa Lahiri [manuscrito] / Gerciane Pereira Sales. - 2019.  
21 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.  
"Orientação : Profa. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos, Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Terra Descansada. 2. Jhumpa Lahiri. 3. Identidade Cultural. I. Título  
21. ed. CDD 860

GERCIANE PEREIRA SALES

**A RELAÇÃO FAMILIAR TRANSCULTURAL EM TERRA DESCANSADA, DE  
JHUMPA LAHIRI**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em Letras – habilitação de Língua Inglesa.

**Área de concentração:** Literatura Comparada.

**Orientador:** Prof. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos

**GUARABIRA  
2019**

GERCIANE PEREIRA SALES

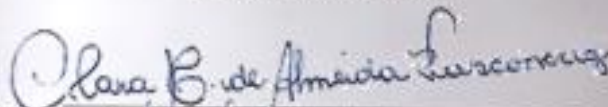
A RELAÇÃO FAMILIAR TRANSCULTURAL EM TERRA DESCANSADA, DE  
JHUMPA LAHIRI

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento do Curso  
Letras da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção  
do título de graduação em Licenciatura  
Plena em Letras – habilitação de Língua  
Inglês.

Área de concentração: Literatura  
Comparada

Aprovada em: 28 / 11 / 2019.

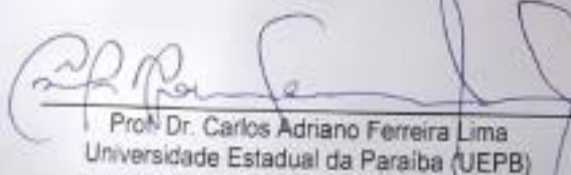
BANCA EXAMINADORA



Profa. Me. Clara Mayala de Almeida Vasconcelos (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Rafael Francisco Bráz  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira Lima  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	7
2	IDENTIDADE CULTURAL: BREVES REFLEXÕES .....	7
3	JHUMPA LAHIRI: NOTAS INTRODUTÓRIAS .....	10
4	HEMA E KAUSHIK: TERRAS NÃO DESCANSADAS .....	10
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	17
	REFERÊNCIAS .....	19

## A RELAÇÃO FAMILIAR TRANSCULTURAL EM TERRA DESCANSADA, DE JHUMPA LAHIRI

Gerciane Pereira Sales\*

### RESUMO

Dentro da obra Terra Descansada, de Jhumpa Lahiri, os personagens Hema e Kaushik não conseguem criar esse sentimento de pertencimento por algumas razões. Kaushik foi afetado tanto pelo fato de ter vivido em dois países distintos: Índia e Estados Unidos, tendo que, portanto, desde cedo assimilar duas culturas diferentes. Este artigo tem por objetivo principal analisar as relações familiares desses personagens no âmbito cultural e como estas relações os influenciaram numa crise identitária. A metodologia usada nesta pesquisa é de cunho exploratório, por meio de pesquisas bibliográficas e documentais de caráter qualitativo. E, para tanto, baseia-se nas reflexões teóricas de Rahman (2017), Yun (2014), Hall (2003) e Santos (2012), foi chegada à conclusão de que esses dois personagens não possuíam o chamado “sentimento de pertencimento” por nenhuma cultura das quais eles tiveram contato.

**Palavras chaves:** Terra Descansada. Jhumpa Lahiri. Identidade cultural.

### ABSTRACT

Within Jhumpa Lahiri's Land of Rest, the characters Hema and Kaushik fail to create this sense of belonging for some reasons. Kaushik was affected so much by living in two different countries: India and the United States, so he had to assimilate two different cultures early on. This article aims to analyze the family relationships of these characters in the cultural field and how these relationships influenced them in an identity crisis. The methodology used in this research is exploratory, through qualitative bibliographic and documentary research. And, based on the theoretical reflections of Rahman (2017), Yun (2014), Hall (2003) and Santos (2012), it was concluded that these two characters did not have the so-called “sense of belonging” for any culture they had contact with.

**Keywords:** Unaccustomed Earth. Jhumpa Lahiri. Cultural identity.

---

1 Aluna do Curso de Graduação em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III.  
E-mail: gerciane.sales@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

O termo cultura tem sua amplitude semântica, pois abarca vários aspectos da vida em sociedade. Visto que, dentre esses aspectos podemos exemplificar os hábitos, costumes, produções artísticas e tradições de um povo. Embora essa definição trate de forma homogênea as diversas culturas que podemos encontrar em um país, mesmo assim, nos concede uma base de entendimento para o termo.

Dentro do universo cultural, temos a concepção de identidade cultural que, em linhas gerais, seria o sentimento de pertencimento que um indivíduo possui ou criou por um determinado lugar. Esse sentimento de pertencimento pode ser inato, como a identidade nacional, ou pode ser ampliado para outros lugares, principalmente depois do advento da globalização e a concepção de interculturalidade.

Dentro da obra *Terra Descansada*, de Jhumpa Lahiri, os personagens Hema e Kaushik não conseguem criar esse sentimento de pertencimento por algumas razões. Kaushik foi afetado tanto pelo fato de ter vivido em dois países distintos: Índia e Estados Unidos, tendo que, portanto, desde cedo assimilar duas culturas diferentes; como também pela morte da mãe, da qual ele não conseguiu se recuperar e, assim, todos esses fatores conjuntos geraram uma crise identitária que perdurou por toda sua vida.

Hema, apesar de, aqui, ter tido uma estabilidade emocional e identitária maior que Kaushik, também, não demonstra durante a narrativa ter criado esse sentimento de pertencimento pelo país aonde vivia, ou seja, os Estados Unidos. Tudo o que a personagem feminina apresenta para os leitores é uma necessidade de continuar com a estabilidade financeira que havia adquirido onde morava, porém não transpassa para uma relação completa de identificação e pertencimento com o país em que vivia.

Tendo iniciado os estudos desse trabalho na iniciação científica cuja proposta era analisar as relações familiares que circundam os protagonistas, aqui tenho como objetivo estabelecer uma análise da vida dos personagens Hema e Kaushik e como eles se transformam em matéria-prima para os estudos culturais. Analiso, também, como essas relações familiares foram fundamentais para gerar a crise identitária deles e, como isso, ocorreu para cada um dos dois.

Diante disso, esse estudo serve como auxílio para profissionais da área dos estudos literários e culturais, oferecendo um recorte analítico/interpretativo, a partir dos personagens apresentados, sobre identidade cultural e crise identitária. Além disso, também amplia o universo de estudos voltados para as questões de identidade, cultura, interculturalidade e literatura contemporânea de expressão de língua inglesa.

Sendo assim, começaremos nossa discussão definindo o que é cultura, para partimos para o conceito de identidade cultural e finalizarmos com a análise da vida das personagens dos contos, utilizando como principais aportes teóricos: Hall (2003), Rahman (2017), Yun (2014) e Santos (2012).

## 2 IDENTIDADE CULTURAL: BREVES REFLEXÕES

Uma das primeiras definições que foi atribuída ao termo cultura foi formulada por Edward Burnett Taylor, para quem a palavra estava associada aos costumes,

hábitos, crenças, produções artísticas, concepções de moral entre outras características. Contudo, a cultura não se limita a esses elementos, já que abarca outros âmbitos das relações estabelecidas pelos sujeitos em sociedade. Assim podemos nos indagar: o que vem a ser cultura? Para Terry Eagleton (2005):

O que a cultura faz, então, é destilar nossa humanidade comum a partir de nossos eus políticos sectários, resgatando dos sentidos o espírito, arrebatando do tempo ralo imutável, e arrancando da diversidade a unidade. Ela designa uma espécie de autodivisão assim como uma autocura pela qual nossos eus rebeldes e terrestres não são abolidos, mas refinados valendo-se de dentro por uma espécie mais ideal de humanidade. A brecha entre Estado e sociedade civil – entre como o cidadão burguês gostaria de representar a si mesmo e como ele realmente é representado – é preservada, mas também erodida. A cultura é uma forma de sujeito universal agindo dentro de cada um de nós, exatamente como o Estado é a presença do universal dentro do âmbito particularista da sociedade civil (EAGLETON, 2005, P.18).

Através da cultura, a representação de um povo, que se dá por meio de ações, costumes, tradições e etc. Pode-se pensar a identidade cultural como uma identificação do indivíduo a esse ambiente que o cerca e esse sentido de se identificar será criado em base do conhecimento que o próprio já possui, por meio de seu senso crítico. Partindo do pensamento crítico de Aristóteles (1969, p.275), ele argumenta que “identidade é uma unidade de ser ou unidade de uma multiplicidade de seres ou, enfim, unidade de um único, tratado como múltiplo, quando se diz, por exemplo, que uma coisa é idêntica a si mesma”.

Todavia, com o processo de modernidade e globalização, a identidade deixou de ser concebida dessa forma para ser compreendida como algo mais complexo e que está em constantes mudanças. Mas o que seria identidade cultural na pós-modernidade?

Para Pérsio Santos de Oliveira (2001, p. 139 *apud*. SANTOS, 2012, p. 4) descreve que a identidade cultural seria uma espécie de “sentimento de pertencimento”, ou seja, seria o sentimento de pertencer a uma comunidade, sendo ela entendida como nação, raça, gênero e/ou religião.

Com base em um atributo cultural, Castells (1999, p. 22) afirma que “entende-se por identidade cultural a fonte de significado e experiência de um povo”, com isso temos que ter em mente que a cultura não é algo estático, haja visto como experiências de um povo. E essas experiências estão sempre sendo adaptadas ou sendo (re)construídas ao longo do tempo.

Por esse motivo, a identidade cultural deixa de ser estável para ser mutável, assim ela é também um elemento múltiplo presente na memória cultural do indivíduo, onde os diversos papéis sociais designam qual delas o sujeito deve assumir em diversas situações, conforme pontua Silva e Souza (2006), isto é, o indivíduo não tem mais uma identidade unificada, ele possui várias.

O diálogo intercultural surge para ajudar a identidade cultural, fazendo com que os indivíduos vejam as diferenças e semelhanças entre as práticas culturais de grupos para que, assim, seja formada a identidade deles (CHEN, 2014). É, também, através da integração do passado e do presente, do antigo e do novo, que essa formação é possível ser feita, por isso, ela é (re)criada ao longo do tempo, durante toda nossa vida.



E quando algo novo surge, a comunidade necessita assimilar essa novidade para ocorrer o processo de transformação e, assim, ocorrer a aceitação ou a recusa parcial ou total dessa nova informação. Infelizmente, é muito comum ocorrer a recusa total, principalmente quando esse novo item vem de grupos marginalizados racialmente, etnicamente e financeiramente. E, às vezes, é “aceito” pela elite como uma forma de explorar financeiramente esses grupos marginalizados.

Também as diásporas pós-coloniais tiveram/tem um papel muito importante no processo de (re)construção, (re)significação pelo qual passam as identidades culturais no mundo contemporâneo, com elas acelerou-se/acentuiu-se o transporte de culturas de um lugar para outro, e a tradução dessas culturas e dessas pessoas – de suas identidades – no novo local/lugar para o qual se deu a migração, possibilitando a transformação da cultura local e, conseqüentemente, a produção de identidades culturais híbridas, este tipo identitário característico da Modernidade Tardia. Conseqüentemente, também teve influxo direto sobre as transformações na percepção espaço-temporal e na configuração atual da alteridade, visto que no ‘entre lugar’ – assim Bhabha (1998) denomina os lugares em que se instalam os migrantes – ‘a diferença não é nem o Um nem o Outro, mas algo além, intervalar’ (PACHECO, 2007, p. 6).

Um outro motivo para que a novidade seja recusada é porque a sociedade tem medo de que isso apague as heranças que foram passadas de geração a geração, visto que a tradição preza pela valorização do passado, quer que se mantenha no passado, presente e futuro, sendo o elo que “une” os três tempos.

De certa forma, a tradição se relaciona com a identidade cultural, pois ela ajuda a construí-la, afinal, esse termo nos remete a hábitos, valores, crenças, rituais, práticas e costumes, que foram repassados/transmitidos para o povo sem que tivesse provas e veracidade. Passados apenas para garantir um sentimento de que o sujeito de alguma forma fez parte da história mesmo sem estar lá. (ABBAGNANO, 2000, p.967 *apud* OLIVEIRA, 2013, p. 116).

Uma das principais facetas da identidade cultural é a denominada por Hall (2003) como identidade nacional que, segundo o autor, não está ligada ao sujeito geneticamente, mas este se apropria por achar que faz parte da sua natureza e isso ocorre em relação a nossa nacionalidade, pois ao nascermos em determinado país, logo, nos identificamos como sujeitos pertencentes àquele local, por exemplo, ao nascermos no Brasil, nos intitulamos brasileiros.

No entanto, o autor ressalta que os processos de globalização afetam diretamente no surgimento da crise de identidade cultural nacional, haja visto nos argumentos de Kobena Mercer (1990, p.43. *apud*. HALL, 2003, p.9) “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. Ela se manifesta, principalmente, quando o sujeito se encontra inseguro ou sente-se que seu estilo de vida esteja ameaçado por algum fator, podendo esse ser externo ou interno.

Outro elemento importante para compreender o fenômeno identitário é a noção de crise. Se as identidades culturais nascem, se formam e se consolidam pelo processo de identificação/diferenciação, é iniludível que esse se dá preferencialmente em momentos de crise. São nos momentos de crise, de instabilidade, de insegurança que as identidades culturais preferencialmente se manifestam e se afirmam. Nos momentos de calma

e tranquilidade dificilmente há afirmação de identidades, elas só surgem em período de instabilidade e ameaça interna e externa ao modo de vida tradicional (SANTOS, 2011. p. 146).

Um dos casos mais comuns acontecendo atualmente é a onda de patriotismo e conservadorismo em alguns países, como, por exemplo, o Brasil e os Estados Unidos e isso se origina através de grupos de poder que começam a culpar as minorias e imigrantes pelas escassez de recursos, principalmente em âmbitos profissionais que são nesses momentos que os grupos se unem para afirmar suas identidades, como SANTOS (2011) argumenta.

### 3 JHUMPA LAHIRI: NOTAS INTRODUTÓRIAS

Nascida em Londres, em 1967, Nilanjana Sudeshna Lahiri, mais conhecida como Jhumpa Lahiri, é filha de pais bengaleses que migraram da cidade de Calcutá para Inglaterra e, posteriormente, foram para os Estados Unidos da América (EUA), por causa do trabalho do pai e, assim, se naturalizou americana. Na Barnard College se graduou em Literatura Inglesa, já na Universidade de Boston cursou três mestrados: em Inglês, em Escrita Criativa e em Literatura Comparada e, por fim, doutorou-se em Estudos Renascentistas na mesma universidade.

Em 1999, lançou seu primeiro livro de contos, *Intérprete de Males*, e com ele ganhou o Prêmio Pulitzer de melhor ficção, em 2000. *O Xará*, seu primeiro romance, foi publicado em 2003 e em 2006 tornou-se um filme dirigido pela diretora indiana americana Mira Nair e protagonizados pelos atores de Bollywood, Tabu e Irrfan Khan, e pelo americano Kal Penn. Tornou a publicar outra coletânea de contos em 2008, intitulada *Terra Descansada*, corpus desta pesquisa, lançada no Brasil, assim como as outras obras citadas acima, pela editora Companhia das Letras.

Também já escreveu algumas coleções de short stories para a revista americana *The New Yorker*, sendo a maioria delas de ficção. Em 2013 publicou seu segundo romance, *The Lowland*, e com ele foi finalistas em diversos prêmios como o 2013 *Man Booker Prize* e o *National Book Award for Fiction*. Publicou um ensaio na *The New Yorker* em 2015, *Teach Yourself Italian*, onde ela conta sua própria experiência aprendendo o idioma e informa que a partir de agora só escreverá em italiano. Já publicou dois livros de não ficção: *In Altre Parole*, lançado em 2016, e *Il Vestito dei Libri*, em 2017.

Lahiri busca em seus livros retratar processos culturais distintos, narrando sobre as vidas de indianos migrantes para os Estados Unidos em busca de melhor formação acadêmica e, com isso, mostrar o choque das duas culturas completamente diferentes e como é difícil a adaptação para alguns. Ela, também, busca mostrar as vidas dos filhos desses migrantes nascidos nos EUA e que são obrigados a viver entre as duas culturas: a dos seus pais e a do país em que vivem, como ela fora criada. O quão confuso pode ser para alguns deles esse camicaze de cultura, fazendo com que o indivíduo sinta-se ora parte de um, ora parte de outro e às vezes de nenhum deles.

### 4 HEMA E KAUSHIK: TERRAS NÃO DESCANSADAS

A obra *Terra Descansada* é dividida em duas partes, sendo a primeira com contos<sup>2</sup> distintos voltados para os aspectos culturais de famílias indianas vivendo nos EUA e na segunda, o foco são dos protagonistas Hema e Kaushik. Ao longo dos três contos, intitulados como “*Uma Vez na Vida*”, “*Fim de Ano*” e “*Em Terra*”, são relatadas as histórias deles, como se eles estivessem compartilhando seu passado, desde crianças até a fase adulta. E, com isso, é possível observar as relações de duas famílias indianas, além de destacar o quanto a vivência em um país estrangeiro afeta os integrantes de uma família, no caso de Hema, e como as mudanças de países e costumes atingem os membros da família de Kaushik.

No primeiro conto “*Uma Vez na Vida*”, narrado por Hema, temos a vivência dela com seus pais, que mesmo morando por anos nos EUA, ainda, mantêm costumes da Índia e não se importam que ela seja de fato uma norte-americana, convivendo com crianças de culturas diferentes. Criam-na como se vivessem no país de origem o que talvez a distancie um pouco deles, afinal, são culturas muito divergentes e eles parecem não ter noção da confusão que a filha vivencia. Um exemplo disso é o fato de Hema ter dormido com seus pais até os treze anos de idade.

A ideia de ter de abrir mão do meu quarto me enfurecia. Meus sentimentos eram complicados pelo fato de que, até muito recentemente, para minha grande vergonha, eu costumava dormir com meus pais na cama de armário do quarto deles, e não no quarto onde guardava minhas roupas e pertences. Minha mãe considerava a ideia de uma criança dormir sozinha um hábito norte-americano cruel e portanto não o incentivava, mesmo que tivéssemos espaço (LAHIRI, 2009, p. 262).

Para a mãe de Hema dormir com os pais era perfeitamente normal, pois na Índia isso era um costume e ela dormiu com os seus até casar-se. Mas Hema sabia que não era comum no país onde vivia que os filhos dormissem no quarto dos pais por tanto tempo assim, afinal seus amigos não o faziam. Então precisou insistir para que sua mãe pudesse deixá-la ir dormir sozinha em seu próprio quarto. Outro exemplo é Hema usar camisetas floridas como roupa de baixo, porque sua mãe a considerava muito novinha para usar sutiã, enquanto suas amigas da escola já usavam e ela não ter um casaco rosa como as outras meninas da sala, mas sim um velho e marrom que havia sido de Kaushik. Em seu artigo, Rahman conta que:

Hema's struggle with defining her identity is further explored as she grows up and is forced to wear Kaushik's old clothes. [...] As clothing becomes symbolic of one's identity, Hema is being forced by her parents to don a layer of clothing, or identity, that Hema is eager to shed. [...] She realizes, even as a child, that she not only stands out amongst her American culture but is also a misfit amongst other girls in the class by not conforming to the gender expectations of wearing a purple coat. (RAHMAN, 2007, p. 4).

---

2 Do ângulo dramático, é unívoco, univalente. Constitui uma unidade ou célula dramática: um só conflito, um só drama, uma só ação. Tudo leva a um mesmo objetivo, a um mesmo ponto. [...] É um drama que apresenta um fim em si próprio, com começo, meio e fim, corresponde ao momento mais importante da vida da personagem, sem importar o antes ou o depois. (MOISÉS, 2004. p. 124-126)

É perceptível que Hema queria sentir o sentimento de pertencimento e ela demonstra isto de todas as formas para os pais, principalmente para a mãe, mas é constantemente ignorada por ambos. Talvez em sua infância não tivesse sido tão difícil pra ela essa busca por afirmação de que é como suas colegas, porém no auge da adolescência é uma das fases mais complicadas para estes sujeitos, pois eles estão começando a se tornar adultos e a moldar a sua identidade.

Vivendo entre dois mundos, dentro de casa sendo a Índia e na rua os Estados Unidos, porém até na rua, em algumas ocasiões, ela continuava a viver e a ser vista como uma indiana por causa de sua aparência e de detalhes, como o casaco que não seguia padrões, apesar de ela ser, de fato, uma americana descendente de indianos e isso faz com que ela não queira compartilhar seu convívio com sua família com suas colegas, conforme ela afirma nesse trecho:

[...] quase nunca revelava detalhes da minha vida doméstica para meus amigos americanos. Quando era criança, sempre detestava meus aniversários, quando uma dúzia de meninas aparecia em casa para ver como vivíamos” (LAHIRI, 2009, p.271).

De acordo com DuttBallerstadt (2012, p.159 *apud*. RAHMAN 2007, p.3), “While these individuals with hybrid, hyphenated identities find themselves being marked as “Indian” in the “Western” world, they feel culturally, linguistically, emotionally and geographically out of place in the motherland.” Possivelmente, ela crescera assim fora de lugar até ir à universidade, onde ficou mais livre dos pais e, assim, não precisava seguir religiosamente as tradições que a mãe a obrigava a seguir, dando-lhe uma falsa impressão de que agora ela era uma americana e que poderia seguir os costumes deles sem precisar transitar entre os dois novamente.

Mostrando-se ser uma mulher muito conservadora, Shibani – mãe de Hema – ao longo do período em que os pais de Kaushik ficam hospedados em sua casa quando regressam da Índia, critica-os bastante por eles se mostrarem mais liberais não só com o filho, mas como eles levam a vida.

Critica desde as passagens de primeira classe com as quais viajaram, até os cabelos curtos de Parul Di – mãe de Kaushik –, as calças compridas que ela usava, o Johnnie Walker que ela e o esposo continuaram a beber após o jantar (2009, p. 266-269), até a forma que o Choudhuri – pai de Kaushik – tratava Parul.

Minha mãe dizia que seu pai era indulgente demais, zeloso demais com ela, sempre perguntando se ela precisava de mais alguma bebida levando-lhe um casaco caso estivesse com frio.  
 ‘É por causa dela que eles ainda estão aqui’, disse minha mãe. ‘Ela não aceita nada que não seja um palácio’.  
 ‘Não é uma tarefa fácil’, disse meu pai, diplomático, ‘começar tudo outra vez com um novo emprego, um novo modo de vida. Imagino que ela não quisesse vir, e ele está tentando se redimir por isso’.  
 ‘Você não me aguentaria se eu me comportasse assim’ (LAHIRI, 2009, p. 280).

Para Shibani, Bombaim havia deixado os pais de Kaushik mais americanizados do que quando eles moravam nos EUA, em sua visão eles haviam mudado muito esse tempo todo que estiveram na Índia e se tornaram desconhecidos para ela. Em outra parte do conto, Hema relata que seu pai não lembrava do aniversário da esposa e que era ela que tinha de fazer um cartão e

pedir para ele assinar. É como se não fosse costume indiano o marido se preocupar tanto com o bem-estar da esposa, nem para lembrar-se de aniversários e por isso reclama do zelo, que para ela é excessivo, assim como aparenta não ser costume a mulher indiana ser tão vaidosa como, aparentemente, as americanas são. Na ótica de Hall (2003), afirma que:

“Quanto maior a relevância da “etnicidade”, mais as suas características são representadas como relativamente fixas, inerentes a grupos, transmitidas de geração em geração não apenas pela cultura e a educação, mas também pela herança biológica, inscrita no corpo e estabilizada, sobretudo, pelo parentesco e pelas regras do matrimônio endogâmico, que garantem ao grupo étnico a manutenção de sua pureza genética e, portanto, cultura” (HALL, 2003, p.70).

Por ser da primeira geração de imigrantes<sup>3</sup>, Shibani dá muito mais valor a cultura de seu país do que Hema que é considerada como uma segunda geração, e ela esperava que Parul Di que, também, é uma imigrante de primeira geração, fizesse o mesmo. Ela possui dentro de si o desejo de perpetuar as tradições, por isso fica aborrecida pela amiga não ser como ela, por ela ser a cada dia mais “americana”.

Todavia, Parul Di, se caracteriza muito mais como uma imigrante de segunda geração por ter uma identidade híbrida, mesmo mantendo sua identidade étnica, ela mostra possuir uma identidade ligada mais ao país em que ela viveu por muitos anos que é os EUA.

A partir disso, GÁMEZ-FERNÁNDEZ (2016) observa que ambos os pais consideram suas origens cultural bengali como um modo de vida com diferentes perspectivas e traz ao seu texto uma citação de DELPHINE que diz que: “their [Hema’s parents] archetypal diasporic representation of India as a place of origins frozen in time and immune to corrupting western influences” (DELPHINE, 2010. p.141. *apud.* GÁMEZ-FERNÁNDEZ, 2016, p.51).

Talvez, por esse motivo, eles sejam tão tradicionais em relação a criação de Hema. Por pensarem que seu país nunca vá receber influências de outras nações, acham que devem perpetuar isso que viveram durante a infância e a adolescência, mesmo que seja em um diferente país.

Por não se mostrarem abertos a mudanças e por ela se sentir estranha no contexto em que está inserida, Hema dá a impressão de que, talvez, não confiasse muito em seus pais. Prova disso é que ela esconde deles que Kaushik contou para ela da doença da mãe, que esse foi o motivo deles voltarem da Índia e porque demoraram tanto para achar uma nova casa “Quando meus pais finalmente ficaram sabendo da notícia e foram ao hospital onde a sua mãe estava morrendo, eu nada revelei sobre o que você havia me contado. Nesse sentido, permaneci fiel (LAHIRI, 2009, p. 287)”.

Ela, também, compartilha, apenas com o leitor, em uma conversa com Kaushik de que não gostava da Índia e nem de como era tratada lá pelos seus parentes:

---

3 A primeira geração de imigrantes são os indianos que saíram de sua terra em busca de condições melhores de educação e profissional. São os sujeitos que carregam a cultura indiana e que passarão, ou não, para seus filhos. E os filhos, quando nascem nessa nova terra, são chamados de segunda geração.

Eu não confessei minha opinião: de que achava as viagens à Índia chatas, não gostava das lagartixas pregadas nas paredes à noite, entrando e saindo das luminárias de lâmpadas fluorescentes, nem das gigantescas baratas que de vez em quando ficavam me olhando tomar banho. Não gostava dos comentários que meus parentes faziam abertamente na minha frente – que eu não havia herdado as mãos graciosas da minha mãe, que minha pele tinha escurecido desde que eu era criança. (LAHIRI, 2009, p. 276)

Em sua fase adulta, como é mostrado no terceiro conto, “Em Terra”, ela esconde dos pais o relacionamento amoroso que ela possui com o professor dela, um homem casado chamado Julian. Escondeu por tantos anos que a mãe chegou a questioná-la se ela era lésbica e por isso não queria contar aos pais.

Ela não conta para eles que em sua última viagem a Roma reencontrou Kaushik e passou alguns dias em sua companhia, mas ao final do conto, ela quiçá por um peso na consciência ou, simplesmente, pelo desejo de formar uma família, deixa que seus pais organizem um casamento arranjado com um indiano que também preza por algumas tradições e depois de anos fugindo delas, ela acaba por se render a mesma.

Hema se tornara uma mulher independente, professora e com uma bolsa para começar o doutorado. Focou sua vida nos estudos e só começara a namorar pela primeira vez quando já estava em sua pós, onde conhecera Julian. O relacionamento dela com Julian durou por quase uma década e só teve um fim pois Hema se deu conta de que ele nunca largaria sua esposa e filhas para ficar com ela, que sempre seria apenas a outra. Entretanto, ela queria construir uma família e ter filhos e se continuasse ao lado dele não teria nenhum dos dois e por causa dele e desse relacionamento que a prendia, Hema se sentiu impedida de crescer. (LAHIRI, 2009, p. 344).

E com o avançar da idade, ela estava ciente de que precisava correr contra o tempo, por esse motivo aceitou a ajuda dos pais para arranjar um marido e ter um casamento típico indiano.

No final das contas, fora sua incapacidade de adentrar a meia-idade sem um marido, sem filhos, com os pais agora morando do outro lado do mundo, [...] fora sua recusa em suportar essa vida que indefinidamente a havia conduzido a Navin. (LAHIRI, 2009, p. 340)

Hema recusou por anos pedidos dos pais para se encontrar com homens que eles haviam encontrado para ela, por acreditar que Julian iria finalmente se divorciar, mas, ao se ver com trinta e sete anos e não ter saído do lugar, resolveu aceitar. Rahman (2017) afirma que uma parte dela ter aceitado a casar-se dessa forma foi que por ser do sexo feminino, era esperado dela – como mulher e como filha – casar e ter filhos.

Era gerado muitas expectativas em relação a ela nesses assuntos, enquanto que com o outro protagonista não. O que é verdade e acontece muito não só em livros, como na vida real. É sempre esperado que as mulheres casem e logo depois tenham filhos e quando ela não faz nem uma coisa e nem a outra é criticada por isso. Hema possuía títulos acadêmicos, tinha um emprego estável, mas não era o suficiente aos olhos de sua família. Ela precisava casar e reproduzir. Sob outra perspectiva, Yun (2014) reflete que:

“As a young woman Hema always feels very lonely because she is a second generation Indian American who suffers from an identity crisis. She doesn’t want to think herself as an Indian so she wants to marry an American husband. But after getting tangled with a married white man Julian for ten years, she sees no result from such an affair. So she has to admit her Indian side and accept the Indian husband her parents have arranged for her”. (YUN, 2014. p.143)

Por outro lado, Kaushik, desde o primeiro conto já se mostra um tanto infeliz com seus pais e as razões, possivelmente, são pelas mudanças de países que ele precisou enfrentar e pela doença terminal da sua mãe. Ele nasceu e foi criado nos EUA e assim como Hema, mas, diferente dos pais dela, os pais dele o criaram como um legítimo norte-americano e, quando foram morar na Índia, ele continuou a ser criado da mesma forma.

Para Rahman (2017), “Hema and Kaushik struggle to understand their identities as they fit neither into the world of their parents nor into the world of their immediate residence.”, não importando o país que vivera, para Kaushik e apesar dos pais dele criaram-no para se tornar independente, ele fora um rapaz totalmente dependente da mãe.

No conto “Fim de Ano”, narrado por Kaushik, começa-se a ver o distanciamento dele para com o pai após o mesmo compartilhar com ele em uma ligação que casara com outra esposa. Por não ter superado a morte da mãe e ao perceber que o pai está tentando seguir em frente, isso faz com que ele fique mais tempo preso nesse processo de luto e antes mesmo de conhecê-la pessoalmente, ele já começa a comparar Chitra, a nova esposa do pai, com sua mãe.

‘O inglês dela não é muito bom’, arrematou.

‘Pior do que o meu bengali?’

‘Talvez. Ela vai aprender, claro.’

Eu não disse as palavras que me vieram à boca, que minha mãe havia aprendido inglês ainda menina, que não tivera necessidade de aprender nos Estados Unidos (LAHIRI, 2009, p. 292).

Mesmo sendo um homem adulto, é difícil para ele aceitar que o seu pai casou-se de novo e que ele estava cansado da solidão, afinal o pai morava sozinho na casa que compraram quando voltaram para os EUA. Enquanto ele fora para longe, para estudar, o sr. Choudhuri continuava a viver em um local cheio de lembranças. E no momento em que o pai confia para ele o motivo de ter casado, Kaushik se mostra um pouco egoísta: “Eu não sabia o que era pior: a ideia de meu pai se casar de novo por amor, ou o fato de ele ter procurado deliberadamente uma desconhecida para lhe fazer companhia” (LAHIRI, 2009, p. 292).

É como se o pai fosse obrigado a viver num eterno luto, como ele fez. Para LING, ““Kaushik is what the Freud called the melancholy person who can’t negotiate from his past and the death of his mother. He can’t keep the balance between memory and forgetting [...]” e com isso ele não consegue seguir em frente com a sua vida.

Ao ir para casa nas férias do Natal, ele conhece Chitra e suas duas filhas, Rupa e Piu. Ele a trata com educação, mas volta a compará-la com a mãe não só fisicamente “era mais alta do que eu esperava que fosse, um pouco mais alta que a minha mãe” (LAHIRI, 2009, p.298), mas como ela escolheu decorar algumas partes

da casa, como a mesa da cozinha “ela nunca havia permitido que nenhuma toalha cobrisse a mesa, mas nesse dia ela estava coberta por um pano de estampa indiana [...]” (LAHIRI, 2009, p.297).

Sabendo que Chitra não falava muito bem o idioma local e só fala com ele em bengalês, ele só a responde em inglês, com exceção do momento em que ele agradece pela refeição que ela preparou. Nesse ponto já é possível ver o começo da desintegração dele da família, como se ele não pertencesse a ela. “Muito gostoso”, falei em vez disso, em bengali, referindo-me à comida, algo que minha mãe me ensinara a dizer depois de comer na casa dos outros” (LAHIRI, 2009, p. 302).

Ao passar dos dias, Kaushik compartilha com o leitor que tanto Chitra quanto as filhas se esforçavam para gostar dele e apesar de se dar um pouco melhor com as meninas, ele não conseguia se aproximar de nenhuma delas, principalmente da sua madrasta. Tenta a todo o momento se isolar dentro de casa, preferindo passar um tempo sozinho a em companhia delas enquanto o pai dele está no trabalho, só se reunindo para comer.

Ele passa a criar uma antipatia pela madrasta por qualquer coisa que ela faça e até o simples fato de ela pentear os próprios cabelos é motivo de desconforto para ele, pois o faz lembrar-se dos cabelos que caíram de sua mãe e da peruca que ela passou a usar até o dia em que morreu.

Ao chegar o Natal, o sr. Choudhuri presenteia as meninas com uma viagem a Disney, mas não inclui Kaushi, apesar de deixar em aberto a opção dele ir, sendo que ele prefere inventar uma mentira, para ficar sozinho em casa. É como se ele tentasse fugir da situação e estivesse se afastando de sua nova família. Com a viagem, ele diz se sentir mais generoso em relação às meninas, Rupi e Piu, e as leva para o museu da ciência e o aquário da cidade para compensá-las, pois ficaram tristes por ele não querer ir junto. Para ele, tanto o pai quanto a madrasta se sentem aliviados pela recusa.

Desde adolescente, Kaushik gostava de fotografar e acabou se tornando um fotógrafo por um acaso em uma viagem que fizera pela América Latina quando terminara a universidade. Ao passar por países em que ocorriam guerras civis, como El Salvador, ele diz ter se acostumado, assim como os moradores do local eram, ao fato de que a qualquer instante poderia ser morto. Por trás da câmera ele se sentia alheio a tudo que ocorria ao seu redor pois segundo Rahman (2007):

“His photographs capturing death, accidents and war around the world are representative of his own identity, which is lost in grief. As well, Kaushik’s view of the world through the lens of the camera represents his inability to see the world as it is.” (RAHMAN, 2007, p.7).

E vemos essa indiferença com o mundo e essa incapacidade até mesmo quando encontrara uma vez, em Roma, o pai e a madrasta. “Tirou fotos de sua estadia, entregando os rolos de filme ao pai antes de ir embora como se tivesse sido outro trabalho qualquer” (LAHIRI, 2009, p. 351).

Mesmo Hema escondendo segredos dos seus pais, sempre ia visitá-los, mesmo quando eles voltaram a morar na Índia, enquanto Kaushik evitava o máximo voltar ao EUA e mesmo quando ia, às vezes, nem avisava ao pai que estava no país. Não prezava pela família como Hema fazia. E quando surgiu a oportunidade de começar uma família com uma namorada de longa data, não conseguiu pedi-la em casamento, fazendo assim ela desistir dele. Em vista disso, YUN (2014) nos conta



que todos os personagens de Terra Descansada são vítimas de deslocamento forçado e que por viverem em uma posição marginal entre duas culturas sentem uma profunda dor, e, por causa disso são impedidos de se libertar das lembranças:

They straddle two cultures, two traditions and ideologies which cause their identity crisis, rootlessness and double consciousness. The way how they look at their past and their own native culture will determine their future. Too much remembering past like Kaushik will cause people to get stuck in the past and lose the ability to move forward. Forgetting one's native culture is also the most tragedy for people in exile. Only when they can negotiate the past with the present, keep the balance between memory and forgetting, can they reinscribe a new self and reconstruct a better future (YUN, 2014, p. 144).

Ao encontrar Hema e terem passado um tempo juntos em Roma, a convidou para ir com ele a Hong Kong, onde ele tentaria enfim ter algo para ser chamado de lar, depois de ter recebido uma proposta onde não precisaria viajar o tempo inteiro, mas ela recusou por ele não ter proposto algo mais sério. De acordo com RAHMAN (2017), esse pedido de Kaushik foi sua tentativa final de encontrar um lar, dessa vez em uma pessoa, já que nunca encontrou em algum dos inúmeros países que viajou.

O trauma de ter perdido a mãe o deixou como um vagante pelo mundo e impossibilitado de fincar raízes, Kaushik vive como um exilado pois não consegue se afastar do seu passado em nenhum momento. E é, por esse motivo,, que ele pede a Hema para ir com ele, porque ela o faz lembrar do passado.

Um fato importante que a Gámez-Fernández (2016) nos dá é o significado do nome de Parul (mãe de Kaushik), que significa “fluxos de água”. Pelo pouco que vimos dela ainda em Uma Vez na Vida, ela se mostra uma pessoa ligada a água, querendo morar próximo ao mar, mas no final fica apenas com uma piscina em sua casa.

Quando Kaushik surta com suas meias-irmãs, no conto Fim de Ano, por terem achado fotografias de sua mãe, que estavam escondidas, ele viaja pela costa e para em uma praia para enterrá-las. Parul até mesmo na morte quis ficar próxima da água e teve suas cinzas jogadas no Oceano Atlântico, o que faz com que seu filho se torne um sem teto, pois ele a enxergava como sua raiz e por não tê-la em terra, mas em água, sem um local definido, isso o deixa perdido. E ele só a “encontra” quando é levado pelo fluxo de água no tsunami.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em suma, fica visível para o leitor que Kaushik e Hema são personagens com crise de identidade cultural. Ele por ter vivido em dois países diferentes, em sua infância nos EUA – país em que nasceu – e em sua adolescência na Índia, país em que seus pais nasceram. E mesmo que seus pais não fossem tão rígidos em manter os costumes indianos, ele ainda assim vivera entre os dois mundos. Tendo sido forçado a se mudar nas duas vezes, Kaushik já começa a se tornar uma pessoa em exílio, pois acaba perdendo seu sentimento de pátria, que está fortemente ligado às culturas dos países nos quais ele viveu. Com a morte de sua mãe, o sentimento de luto se expande e dura até o seu falecimento. Afinal, ele ainda não havia se recuperado de uma perda e tem outra ainda maior.

Enquanto isso, Hema não precisou se ver forçada a se mudar para gerar uma crise de identidade, porém, ao ser submetida a conviver como uma híbrida, cuja função é viver diariamente entre duas culturas, isso a faz se sentir de luto, assim como Kaushik. Luto este motivado por não ter o direito de escolha de uma cultura. Sendo assim, é exigido que ela esteja em constante adaptação entre uma cultura e outra, dependendo de cada situação em que ela se envolva.

Trazendo para a realidade, é possível observar diversas histórias de pessoas que nascem em países situados entre regiões de guerras territoriais e que não são aceitas nestes países e muito menos na sua pátria, o que a torna uma pessoa apátrida. Diante disso, ela não consegue ter o sentimento de pertencimento, citado por Oliveira (2013), não podendo, assim, ter uma identidade cultural formada. E mesmo que a pessoa apátrida consiga ser registrada em algum país que dê a oportunidade dela se tornar membro de uma pátria, esta pode não criar esse sentimento e vai continuar em uma crise de identidade sem fim.

Outras histórias comuns são de pessoas que, por alguma razão, se veem obrigadas a mudarem de país e, apesar de conseguirem se adaptar ao mundo novo, não conseguem esquecer a sua cultura de nascença, levando-a consigo o tempo todo. Isso acaba atrapalhando, de certo modo, a vivência em um país diferente, não o vendo como seu lar de verdade.

Torna-se, assim, evidente que na história Hema, e muito menos Kaushik, conseguem ter esse sentimento pela Índia ou pelos Estados Unidos. Uma vez que Hema demonstra na história não gostar da Índia e, apesar de sentir-se confortável nos EUA, ela nega o pedido de Kaushik para ir com ele para Hong Kong, apenas porque ele não falou em casamento e ela não poderia perder o emprego por algo sem compromisso; em momento algum ela se mostra pesarosa por deixar o país de nascença. Já Kaushik, a única cidade que ele expressa ter um pequeno vínculo é Roma, mas é porque foi a última cidade que ele foi com a mãe antes dela piorar da doença e morrer.

## REFERÊNCIAS

BIOGRAPHY.COM EDITORS. **Biography: Jhumpa Lahiri Biography**, 2014. Disponível em: <https://www.biography.com/writer/jhumpa-lahiri>. Acesso em: 17 de maio de 2019.

CHEN, Vivian Hsueh-Hua. **Key Concepts in Intercultural Dialogue**, No. 22, 2017. Publicada originalmente em 2014 e traduzida em 2017. Disponível em: [https://centerforinterculturaldialogue.files.wordpress.com/2017/08/kc22-cultural-identity\\_portuguese.pdf](https://centerforinterculturaldialogue.files.wordpress.com/2017/08/kc22-cultural-identity_portuguese.pdf).

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

GÁMEZ-FERNÁNDEZ, Cristina M. (2016) **Delusion and defeat in the short-story sequence 'Hema and Kaushik' from Jhumpa Lahiri's Unaccustomed Earth**, South Asian Diaspora, 8:1, 49-62, DOI: 10.1080/19438192.2015.1092299

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. SP: DP&A Editora, 2003.

LAHIRI, Jhumpa. **Terra Descansada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários** – 12. ed. rev. E ampl. - São Paulo: Cultrix, 2004.

OLIVEIRA, Alexandre Santos de. **Identidade cultural e ensino do design no Amazonas**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2013. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.23428>

PACHECO, Joice O. **Identidade Cultural e Alteridade: problematizações necessárias**. *REVISTA SPARTACUS*. Revista Eletrônica dos Acadêmicos do Curso de História da Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul – RS, 10 dez. 2007

RAHMAN, Srijoni. **From Roots to Rhizomes: Hybrid, Diasporic Identities in Hema and Kaushik**. New Voices in Asian Research, Toronto: York University, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10315/33674>.

SANTOS, Luciano dos. **As Identidades Culturais: Proposições Conceituais e Teóricas**. Rascunhos Culturais, Coxim, V. 2. no. 4. p. 141-157. Jul-Dez., 2011.

SILVA, F. I. C. da; SOUZA, E. D. de. **Informação e formação da identidade cultural: o acesso à informação na literatura de cordel**. *Informação & Sociedade: Estudos*. João Pessoa, v. 16, n.1, p. 215 – 222, jan./jun. 2006.

YUN, Ling. (2014). **Diasporic Trauma in Unaccustomed Earth**. *Cross-Cultural Communication*, 10(2), 141-144. Disponível em: <http://www.cscanada.net/index.php/cc/article/view/4654>.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer não só a Deus, mas também a Jesus, pois sem Eles não teria chegado até aqui. Desde o momento que passei no Sisu, ao matricular e esses três anos que fiquei aqui na UEPB, pois cada dia era uma luta em relação a dinheiro, ansiedade, falta de trabalho e etc. Quantas vezes pensei em desistir, mas Eles me deram forças para continuar e agora, estar finalizando este círculo em minha vida.

Nunca havia pensado em fazer curso superior em uma universidade pública por causa das greves que via acontecer o tempo inteiro e, também, porque vi muitos amigos sofrendo pra acabar o curso, demorando mais que o normal para concluir o mesmo.

Quando fiz o ENEM em 2015, em São Paulo, visava conseguir uma bolsa com o Prouni, porém quando vi a possibilidade de conseguir entrar em uma universidade pública com o novo processo do Sisu, pensei: “Por que não?” Tentei entrar em alguma universidade em Pernambuco, claro, mas como a nota não era suficiente, me candidatei na UEPB, afinal ficaria perto de casa.

Sem esse programa do Sisu, teria ficado mais complicado de entrar estando em um estado diferente. Então, por esse motivo, gostaria de agradecer ao ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, por ter criado esse projeto que ajudou não só a mim, mas há tantas milhares de pessoas no Brasil; e a ex-presidenta Dilma Rousseff, por ter mudado algumas regras, como a do candidato poder se candidatar para uma vaga em um curso em qualquer universidade do Brasil que tenha aderido ao Sisu como uma forma de entrada no curso superior.

Agradeço aos professores que tive durante esses anos na UEPB. Obrigada por terem doado um pouco do conhecimento de vocês, pois foi muito importante para mim. Quero agradecer, principalmente, ao professor Vilian Mangueira, que foi um dos professores com quem tive mais contato durante esses anos e que me fez amar ainda mais literatura. Sem ele não teria conhecido à Jhumpa Lahiri e esse trabalho não teria sido feito. Obrigada, prof. Vilian, pela oportunidade de ter feito parte do seu projeto de Iniciação Científica!

A minha orientadora, Clara Mayara, obrigada por toda paciência e auxílio nesse período, nem sei o que teria feito sem sua ajuda. A sua ajuda foi imprescindível para que eu conseguisse desenvolver esse trabalho e dessa maneira concluir a minha graduação. Espero que você, Clara, possa sempre ensinar e colaborar para a formação de muitas pessoas assim como contribuiu com a minha.

Aos meus amigos e colegas: muito obrigada! Por tudo!!! Em especial à Luana Nova, por ter praticamente me arrastado para Buenos Aires para realizar um sonho que as duas tinham em comum, de fazer um intercâmbio e por ter me aguentado nesse período de TCC enchendo o saco dela, pedindo pra ela discutir comigo nos períodos de bloqueio, pra ver se assim meu cérebro voltasse a funcionar (e funcionava!) e à Carine de Oliveira, que durante o curso todo teve que (ser obrigada a) me ajudar com tradução. ¡Gracias, Lua! Thank you, Carine!

Obrigada a todos da turma de Letras Inglês 2016.1 pois foram três anos brigando, mas também, apoiando-se em alguns momentos. Ainda mais nesse período tão estressante para todos. Em especial, agradeço a Iohana, Wedna, Tamira, Lucas, Bruno, Eliza e, mais especial ainda, à Isabelly. Cada um foi de extrema ajuda e importância em algum momento dessa graduação.

Agradeço à minha família que está sempre me apoiando em tudo que faço, aos meus tios Paula e Rick que, sempre que podiam, me ajudava financeiramente. A painho, Robson, que mesmo dizendo que vou morrer de fome por estar nesse curso, nunca se negou a me ajudar. À mainha, que precisou correr contra o tempo para conseguir me matricular, por estar sempre orando por mim, me incentivando a estudar, por estar sempre preocupada comigo, se estou bem, viva, me alimentando, e que fica a ponto de sair andando de Pernambuco para chegar à Guarabira quando estou doente.

Por fim, mas não menos importante, agradeço ao meu outro pai, Roberto, que apoiou a minha vinda para cá desde o começo e que fez o possível e o impossível para me sustentar aqui durante essa graduação. Obrigada, também, por sempre querer que eu realiza-se meus sonhos, mesmo que isso vá mexer no seu bolso. Obrigada! Obrigada! Obrigada! Mil vezes obrigada! Nada do que eu fale vai ser suficiente para expressar minha gratidão. Sem você, nada disso teria sido possível!

À Zinha, minha mãe, minha vó, minha amiga, o amor da minha vida. Espero que você esteja sentindo muito orgulho de mim nesse momento, pois tudo que faço é para que você se orgulhe. Obrigada, não só pelo incentivo, apoio incondicional, por todo amor que a senhora sente por mim, mas também, por ter me adotado no seio da sua família quando eu tinha apenas três anos e não queria ir embora com mainha.

Obrigada, por ter me dado a chance que nem as minhas duas irmãs puderam ter. Acho que nada do que eu fizer ou falar será o suficiente pra agradecer por tudo que a senhora fez e faz por mim e pela minha (outra) família.

Te amo!